



Prefeitura Municipal de Bento Gonçalves

**PREFEITURA MUNICIPAL DE BENTO  
GONÇALVES-RS**

**SECRETARIA DE TURISMO**

**PROJETO PAISAGÍSTICO NAS ESTRADAS TURÍSTICAS DE  
BENTO GONÇALVES-RS**

**VOLUME 01 B - RELATÓRIO TÉCNICO N. 01 – Estudo Preliminar**

**Roteiro 02 – Caminhos de Pedra**

**DATA: JUL/2013**

## ÍNDICE

<b>1- APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>03</b>
<b>2- EQUIPE TÉCNICA.....</b>	<b>05</b>
<b>3- MAPA DE SITUAÇÃO E LOCALIZAÇÃO.....</b>	<b>06</b>
<b>4- INTRODUÇÃO.....</b>	<b>09</b>
<b>5- METODOLOGIA.....</b>	<b>11</b>
<b>6- RELATÓRIO TÉCNICO.....</b>	<b>13</b>
<b>7- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>22</b>
ANEXO 01 – PLANTAS E MATERIAL GRAFICO .....	23
ANEXO 02 – RELATÓRIO FOTOGRÁFICO.....	24

## 1. APRESENTAÇÃO

O presente Relatório, elaborado pela empresa **RS Projetos Ltda**, em atendimento ao contrato efetuado com a Prefeitura Municipal de Bento Gonçalves-RS, tem como objetivo a apresentação do Roteiro 02 – Caminhos de Pedra, da etapa de Estudo Preliminar do projeto paisagístico nas estradas turísticas de Bento Gonçalves-RS.

Todo o trabalho, que terá como produto final o projeto paisagístico das ruas e estradas que compõe os seguintes roteiros:

Roteiro 01 – Vale dos Vinhedos

Roteiro 02 – Caminhos de Pedra

Roteiro 03 – Vale do Rio das Antas

Roteiro 04 – Caminhos de Eulália

Roteiro 05 – Cantinas Históricas

O trabalho divide-se nas seguintes etapas:

1. Estudo Preliminar: contempla a caracterização das áreas de estudo bem como a análise da situação existente no que tange aos seus aspectos físicos.
2. Projeto Básico: conjunto de informações e diretrizes de intervenção necessárias a definição geral da proposta de acordo com cada trecho estudado;
3. Projeto Executivo: consiste no conjunto de informações necessárias a execução dos trechos ou partes do mesmo.

Cada etapa do trabalho será entregue em volumes separados de forma a propiciar a administração seu uso em separado ou em conjunto. Tanto no que tange ao projeto quanto orçamento da obra. Esse volume é denominado **Volume 01 B** – Estudo Preliminar – Roteiro 02 – Caminhos de Pedra.

Os trabalhos foram desenvolvidos de acordo com a metodologia específica determinada de acordo com cada etapa desenvolvida e do Termo de Referência, contido no edital da licitação.

Dados de Contrato:

Contrato n. 159/2013

Edital Tomada de Preços 004/2013

Data de Assinatura: 17/06/2013

Data da Ordem de Início: 28/06/2013

## **2. EQUIPE TÉCNICA**

### **Coordenadores Técnicos**

Arq. Me. Rafael Brener da Rosa – CAU A76995-9

Arq. Marco Gustavo Schmidt – CAU A34063-4

### **Equipe Técnica**

Arq. Me. Luiz Merino de Freitas Xavier – CAU A17903-5

Arq. Nathalia Danezi – CAU A80819-9

Arq. Rafael Giacomini - CAU/RS 124.548-01

### 3. MAPA DE SITUAÇÃO E LOCALIZAÇÃO

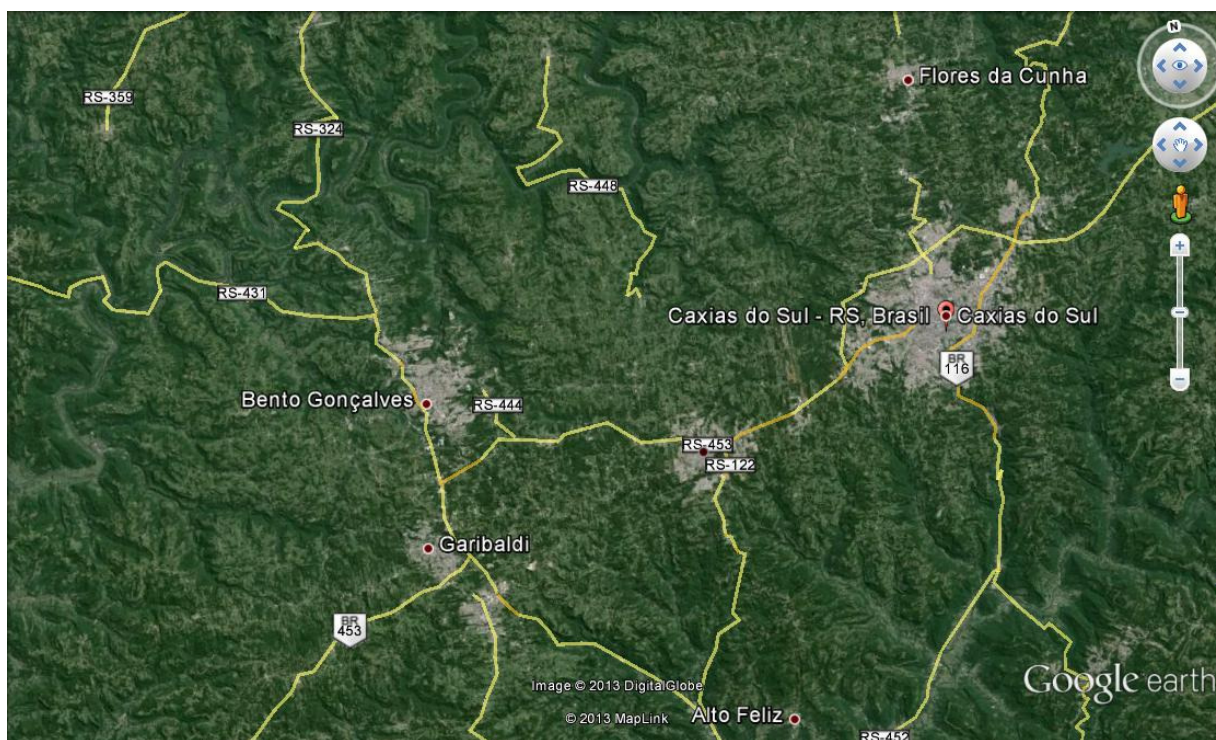
Para uma melhor visualização da área de abrangência do Inceu, apresenta-se o Mapa de Situação de Bento Gonçalves-RS, localizando o município no país e no estado.



**Figura 01** - Mapa com a Localização do Município de Bento Gonçalves-RS

(Fonte: Acervo RSP)

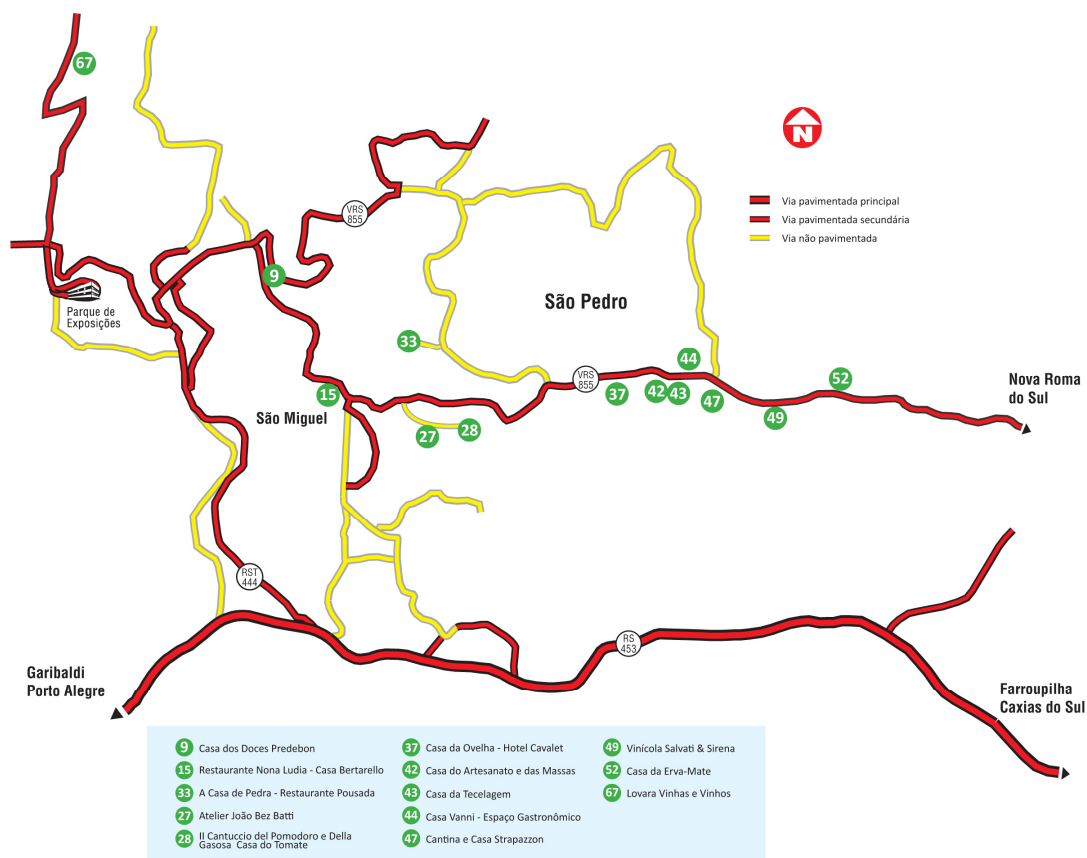
Abaixo apresenta-se a localização do município em relação a Região Nordeste do Rio Grande do Sul:



**Figura 02** - Mapa com a Localização do Município de Bento Gonçalves-RS em relação ao contexto regional (Região Nordeste)

(Fonte: GoogleEarth)

Abaixo apresenta-se um mapa com a localização esquemática da área de estudo - Roteiro 02 – Caminhos de Pedra:



**Figura 03 - Mapa com a Localização do Roteiro 02 – Caminhos de Pedra**

(Fonte: Prefeitura Municipal de Bento Gonçalves – Secretaria de Turismo)



## 4. INTRODUÇÃO

### 4.1 A PAISAGEM CULTURAL

A percepção visual é uma condição fundamental para a existência cultural da paisagem. Antes de mais nada, a paisagem é um modo de ver projetado na superfície da terra e dispondo de suas próprias técnicas e formas compositivas. Para alguns autores, paisagem é aquilo que o olhar abarca. A indiscutível indissociabilidade entre o homem e a natureza na construção das paisagens passa por um processo inicial de separação, segundo Sandra Pesavento. Essa separação possibilita, pelo distanciamento realizado, uma representação da mesma natureza pelo olhar daquele que a contempla. Pesavento (2006) ainda afirma:

*“Esta natureza é tomada como objeto e o homem que dela se apropria é alguém diferenciado, tanto por ser portador de uma particular sensibilidade quanto por seu estranhamento ao meio contemplado. É o homem culto e sensível aquele que observa, que recorta, que organiza e que explicita a remontagem da natureza, redimensionada pelo olhar. [...] A construção da paisagem é tanto narrativa quanto imagem que se oferece a ler e é dada a ver. Neste sentido, o conceito de paisagem remete ainda à recepção, ou o sentimento que se espera obter do leitor/espectador diante da paisagem que se expõe. A paisagem é tanto fruição do mundo quanto forma de apreensão ou conhecimento do real, orientando a percepção desta realidade e a sua apreciação, qualificada.” (PESAVENTO, 2006)*

Ao distanciar-se, o homem formula para si uma paisagem, ou seja, ela é uma projeção do observador. Ao mesmo tempo, a paisagem possui caráter de dado, configurável e marcado por ação humana. Porém, não devemos adotar apenas enfoques polares e sim considerar a paisagem uma estrutura de interação, para que se tenha sua verdadeira natureza cultural.

Essa interação se dá através da percepção, a qual envolve a organização e reorganização de dados a partir de valores, aspirações, interesses, etc. Ela envolve igualmente práticas que desfazem as diferenças entre sujeito/objeto, cultura/natureza. Pode-se citar Christopher Tilley para mostrar que pessoas e ambiente são componentes constitutivos do mesmo universo, que a percepção não fragmenta:

*“Na percepção do mundo e no consumo de recursos (utilitários ou simbólicos) desse mundo, os significados incorporados nos objetos ambientais são canalizados para as experiências dos sujeitos. A percepção do mundo e a constituição daquilo que é importante ou desimportante para as pessoas não funciona em termos de “uma lousa ambiental em branco”, que é operada pela*

*percepção e pela cognição, mas em termos de historicidade das experiências vividas nesse mundo.” (TILLEY, 1994).*

Outro fator importante ao reconhecer o valor das paisagens é a história que elas contêm. Por isso, ela pode ser objeto de conhecimento histórico e essa história pode ser narrada. São traços que conduzem ao entendimento da formação geomorfológica e social da paisagem contemporânea e de suas sucessivas fisionomias anteriores, ao longo do tempo.

A historicidade da paisagem diz respeito, também, ao uso que dela fizeram as sociedades ou segmentos sociais. Nos usos é que se concentram os significados mais profundos da paisagem. Mas é no campo da identidade e dos processos identitários que a paisagem mais tem sido mobilizada. Antes de tudo é indiscutível o papel que ela desempenhou como componente na fixação das identidades nacionais e no caso da colonização italiana do Rio Grande Sul, na identidade regional.

Estes apontamentos conduzem a um conceito de paisagem cultural, pertinente no caso específico do objeto de análise, um conjunto de estradas rurais, no interior de um município marcado por um passado rico em manifestações culturais sobre o ambiente. A paisagem, assim, pode ser considerada como a manifestação formal da relação sensível dos indivíduos e das sociedades, no espaço e no tempo, com um território mais ou menos intensamente modelado pelos fatores sociais, econômicos e culturais. A paisagem é o resultado da combinação dos aspectos naturais, históricos, funcionais e visuais.

Esta relação entre o homem e o meio pode ser de ordem afetiva, de identidade, estética, simbólica, espiritual ou econômica e implica a atribuição às paisagens pelos indivíduos ou sociedades os valores de reconhecimento social a diferentes escalas local, regional, nacional ou internacional.

A paisagem é a cultura territorial de um povo, é a expressão formal ou o resultado objetivo sobre o território da gestão cotidiana e da aplicação da cultura material de cada sociedade na utilização de seus recursos naturais, na construção de seus edifícios, na disposição do habitat, no traçado de seus caminhos, na forma como recebe seus visitantes

## 5. METODOLOGIA

A metodologia adotada para a realização da caracterização da área de estudo, baseia-se essencialmente nas formas de percepção do espaço urbano e rural de forma a apreender as paisagens dominantes que estruturam a imagem coletiva do (s) lugar(s) em questão.

Segundo o *Manual de Aplicação do Inventário de Configuração dos Espaços Urbanos*<sup>1</sup>, desenvolvido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico nacional (IPHAN), o qual busca determinar os procedimentos para coleta e análise de dados necessários à identificação dos atributos dos lugares responsáveis pelo caráter especial dos sítios urbanos a serem preservados assim como estabelecer as diretrizes para a sua preservação, este método busca essencialmente relacionar as informações obtidas através de duas categorias analíticas essenciais: a percepção do espaço urbano, e representação gráfica do mesmo de forma a identificar as características principais do sítio urbano inventariado.

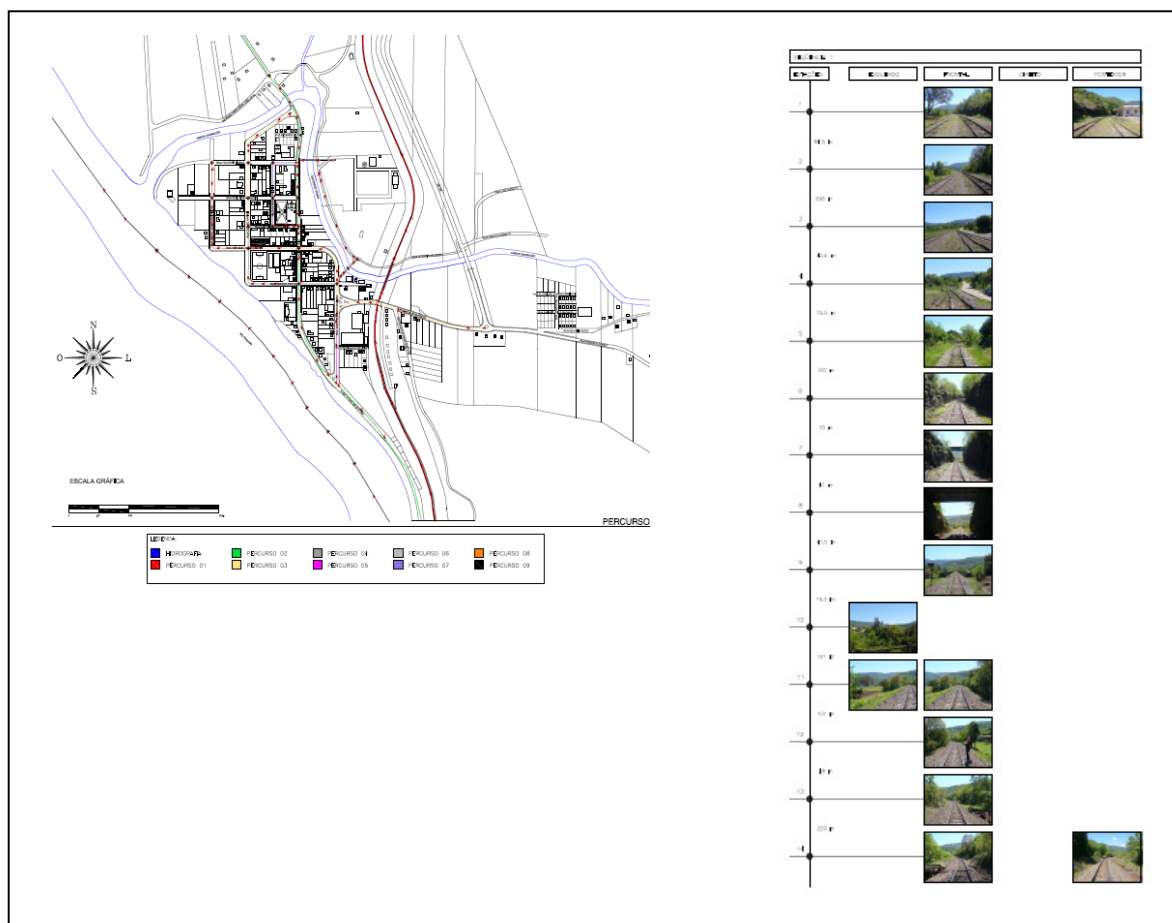
No caso em questão, adota-se apenas a estratégia de sistematização dos eventos sequencias (pautas perceptivas) das categorias de percepção (A's) presentes nos percursos, de forma a registrar os principais eventos e estímulos visuais do roteiro analisado e estabelecer ou identificar os marcos e limites que permitam caracterizar **em trechos ou partes** a área de estudo. Busca-se assim o entendimento de Kevin Lynch<sup>2</sup> sobre como se estruturam bairros, ou setores da paisagem existente.

De forma prática, este método considera que ao nível da percepção, o espaço urbano é analisado através da realização de percursos a pé ou de automóvel, de aproximação e no interior da área de estudo, para a avaliação de composições e efeitos de conjunto que se configuram no espaço. Os estímulos visuais proporcionados pela articulação dos diversos elementos possibilitam a apreensão e leitura da identidade morfológica do sítio.

---

<sup>1</sup> KOHLSDORF, Maria Elaine. **Manual** do Inventário Nacional de Configuração do Espaço Urbano (INCEU). MINISTÉRIO DA CULTURA - IPHAN: 2001.

<sup>2</sup> LYNCH, Kevin. **The image of the city**. Cambridge: The M.I.T. Press, 1960.



**Figura 04** - Exemplo de percurso e pauta sequencial – Inceu Sta Tereza-RS

(Fonte (RSP – Inceu Sta Tereza-RS)

Tal registro é feito através de fotografias, registradas sequencialmente em mapas, gráficos, tal como pautas musicais ao longo dos percursos analisados. A partir da elaboração deste material, análise e descrição gráfica ou textual, pode-se determinar trechos existentes por similaridade de atributos físicos e desta forma descrever mais aprofundadamente as suas características, identificando assim os elementos estruturantes do lugar, suas potencialidades e deficiências. Tal procedimento permitirá ao projetista avaliar na situação existente com maior segurança os elementos a preservar, modificar, ou inserir de forma a identificar os níveis de intervenção bem como suas diretrizes iniciais.

## **6. RELATÓRIO TÉCNICO**

### **6.1 INTRODUÇÃO**

Este relatório tem por objetivo apresentar o material desenvolvido na etapa de estudo preliminar referente ao Roteiro 02 – Caminhos de Pedra.

### **6.2 PROCEDIMENTOS REALIZADOS**

#### **6.2.1 Visita à Campo**

Considerando a área de estudo, foram feitas visitas à campo entre os dias 30 junho e 15 de julho de 2013 perfazendo a totalidade do percurso da área em questão Roteiro 02 – Caminhos de Pedra de forma a apreender as impressões do lugar no que tange à percepção da paisagem da área de intervenção.

#### **6.2.2 Registro dos Eventos Gerais – aspectos visuais, marcos referenciais e definições de limites**

Em cada percurso determinado foram registrados os eventos (estações) e os intervalos entre os mesmos segundo critérios específicos, ou seja, os estímulos visuais, limites ou bordas que estruturam os trechos .

#### **6.2.3 Análise dos Campos Visuais**

A partir do registro dos campos visuais das seqüências, estes foram analisados tomando como base as fotografias obtidas de cada cena, analisado na própria fotografia os efeitos topológicos e perspectivos, sua intensidade e partir de então definiram-se trechos dentre no percurso analisado.

#### **6.2.5 Preenchimento das Fichas Fotográficas**

Com base na análise realizada, foram preenchidas as fichas onde se registrou em cada evento e ou referência marcante do percurso, os quais contribuem para a caracterização do sítio inventariado. Cabe destacar que este material constitui-se em um acervo fotográfico fundamental para consulta e registro do sitio no momento de realização deste trabalho, resultando em um documento de base para posterior análise das transformações da paisagem do lugar.

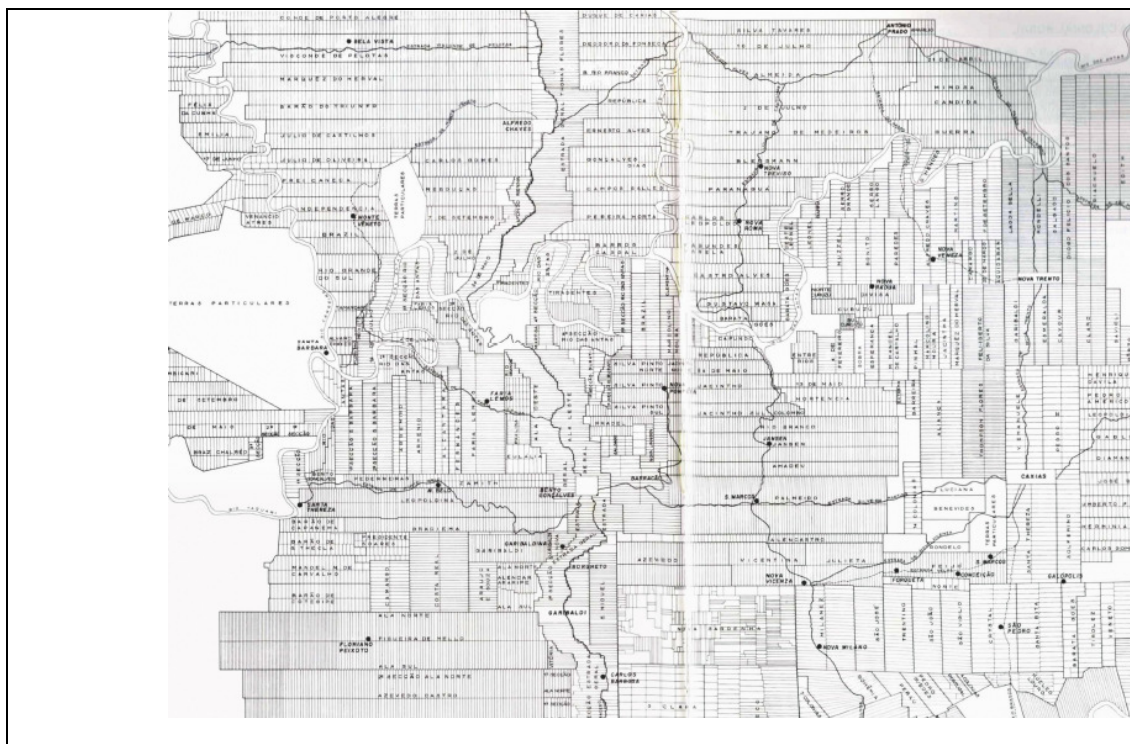
## **6.3 CARACATERIZAÇÃO DO LUGAR**

### **6.3.1 CONTEXTO HISTÓRICO E SOCIOECONÔMICO**

O Município de Bento Gonçalves localiza-se no contexto da Região da Serra Gaúcha, espaço construído pelo processo de imigração, promovido no país no período do Império e da República Velha. Na região, a imigração italiana teve início a partir de 1875, quando foram estabelecidos os núcleos coloniais da Colônia Caxias, Dona Isabel e Conde D'Eu. Estes dois últimos tiveram seu desenvolvimento a partir de 1876 com a chegada de imigrantes italianos, após tentativa fracassada de colonização com imigrantes franceses. Os primeiros imigrantes italianos em sua maioria procedentes do norte da Itália compraram e ocuparam inicialmente as terras devolutas localizadas na encosta do planalto Nordeste do Rio Grande do sul, ao norte das antigas colônias alemãs.

As colônias Caxias, Dona Isabel e Conde D'Eu deram origem respectivamente aos municípios de Caxias do Sul, Bento Gonçalves e Garibaldi. O projeto de colonização italiana desenvolveu-se sob orientação da Lei nº 601 de 1850, conhecida como Lei de Terras. Segundo Facalde e Mandelli (1999), “cada colônia foi dividida em léguas, estas em linhas ou travessões que, por sua vez dividiam-se em lotes”. O projeto foi posto em prática após expedições topográficas à região, tendo resultado em um traçado geral da área sobre a qual foram desenhados os lotes, sem a observação das condições do terreno, a não ser os acidentes de maior destaque, como os rios. Os lotes deveriam ter o sentido meridiano, porém a irregularidade do terreno nem sempre permitiu que a regra fosse seguida. O tamanho da légua, o número de travessões por légua e o de lotes por travessão variavam muito, embora a legislação apresentasse como módulo o lote de 25ha.

A ocupação da região foi rápida. O reduzido tamanho dos lotes e o número elevado de filhos nas famílias dos imigrantes formaram logo um excedente de população que passou a buscar novas áreas para se estabelecer, o que ocorrerá gradativamente em direção ao norte, além do Rio das Antas, acompanhando a continuidade dos trabalhos de demarcação e loteamento das terras devolutas pelo Governo do Estado.



**Figura 05 - Divisão Territorial na Região da Serra Gaúcha**

(Fonte: POSENATO, p. 184-185)

Nessa região o imigrante construiu um espaço caracterizado pela policultura. Rapidamente as encostas do planalto, cobertas de densa vegetação, deram lugar ao cultivo de cereais, hortaliças e frutas, à criação de aves, de suínos e de gado. O que começou para consumo da família, com base em seu trabalho, rapidamente produziu um excedente, constituído principalmente por milho, trigo, feijão, batata, vinho, banha, salame, queijo, entre outros, que eram comercializados nos centros urbanos maiores, transportados por carroças que circulavam por precários e estreitos caminhos.

Uma série de fatores conduziu ao desenvolvimento da produção de vinho na região. A ligação ferroviária com a capital, a partir de 1910 para Caxias do Sul, 1918 para Garibaldi e 1919 para Bento Gonçalves, facilitou a inserção da produção colonial no crescente mercado consumidor brasileiro. A ferrovia permitiu assim o desenvolvimento do setor vinícola, com o estabelecimento de diversos estabelecimentos na região. Bento Gonçalves a partir da década de 1930 amplia sua base industrial em produtos agrícolas, especialmente agroindústrias vinícolas, enquanto outros municípios, como Caxias do Sul, optam por um modelo centrado nos setores metais mecânicos. A partir da década 1960, esta participação da indústria vinícola vai

crescendo no município de Bento Gonçalves, com a especialização da agricultura e a redução da policultura.

O desenvolvimento industrial verificado no Brasil a partir dos anos 60 disponibiliza uma série de insumos que possibilitam uma nova mudança na realidade agrícola de Bento Gonçalves: a expansão da área cultivada com diversos cultivares de videiras europeias, especialmente nas décadas de 1970 e 1980 e o incremento da produção de vinhos de melhor qualidade. Hoje, na região esta atividade foi responsável por grande parte da acumulação de capital que contribuiu para o desenvolvimento da indústria moderna e pela identidade que a região tem hoje no país.

### 6.3.2 ASPECTOS AMBIENTAIS E PAISAGÍSTICOS

A região da Serra Gaúcha, considerando a vitivinicultura, é composta por 28 municípios, onde é produzido mais de 90% do vinho nacional, com destaque para os municípios de Bento Gonçalves, Garibaldi, Farroupilha e Monte Belo do Sul, especialmente na produção de uvas para a elaboração de vinhos finos.

Do ponto de vista ambiental, a colonização italiana foi implantada nas bordas e próximo ao topo de um dos patamares mais elevados do Planalto das Araucárias, onde o relevo se apresenta em patamares e as vertentes formam “escadas”. As superfícies mais elevadas formam o divisor de águas das bacias do Rio Caí e das Antas, linha que passa pelas cidades de Caxias do Sul, Farroupilha e Garibaldi.

A topografia ondulada no topo, com bordas escarpadas e recortadas, se formou a partir de uma rede de drenagem com alta densidade ou textura fina, formando vales encaixados em direção aos tributários do Rio das Antas.

A geomorfologia da Região apresenta-se na forma de patamares intensamente dissecados e fragmentados, sendo os vales dos Arroios Leopoldina, Vale dos Vinhedos e Caminhos de Pedra, na sua porção inferior, profundamente encaixados. Nesta área, a declividade ultrapassa os 45%, tendo inclusive a presença de extensas cornijas de basalto parente. As áreas com essa declividade são protegidas legalmente para preservação ambiental, fazendo parte da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica e seus Ecossistemas Associados no Estado do Rio Grande do Sul.

No que diz respeito ao clima, o contexto regional no qual se insere o Município caracteriza-se pela homogeneidade pluviométrica e clima mesotérmico do tipo temperado. A localização em latitudes médias resulta numa evaporação e insolação ainda intensas,



contribuindo para um maior volume de precipitação quando a região é atingida pelas frentes frias ou correntes ascendentes. Na maior parte da região, as temperaturas médias oscilam entre 16° e 18°, podendo atingir nas partes mais elevadas temperaturas médias de até 10°.

A região onde foi implantado o projeto de colonização italiana caracterizava-se originalmente por estar revestida de bosques de Araucária angustifolia intercalados por campos nos topos mais suaves, a denominada floresta Ombrófila Mista e, nas áreas escarpadas do planalto, por espécies pertencentes à floresta Estacional Decidual (IBGE, 1986). Quanto mais planas e extensas as áreas, maiores eram as manchas de vegetação campestre e quanto mais acidentado o terreno, mais densos e contínuos os bosques de araucária e matas de encosta.

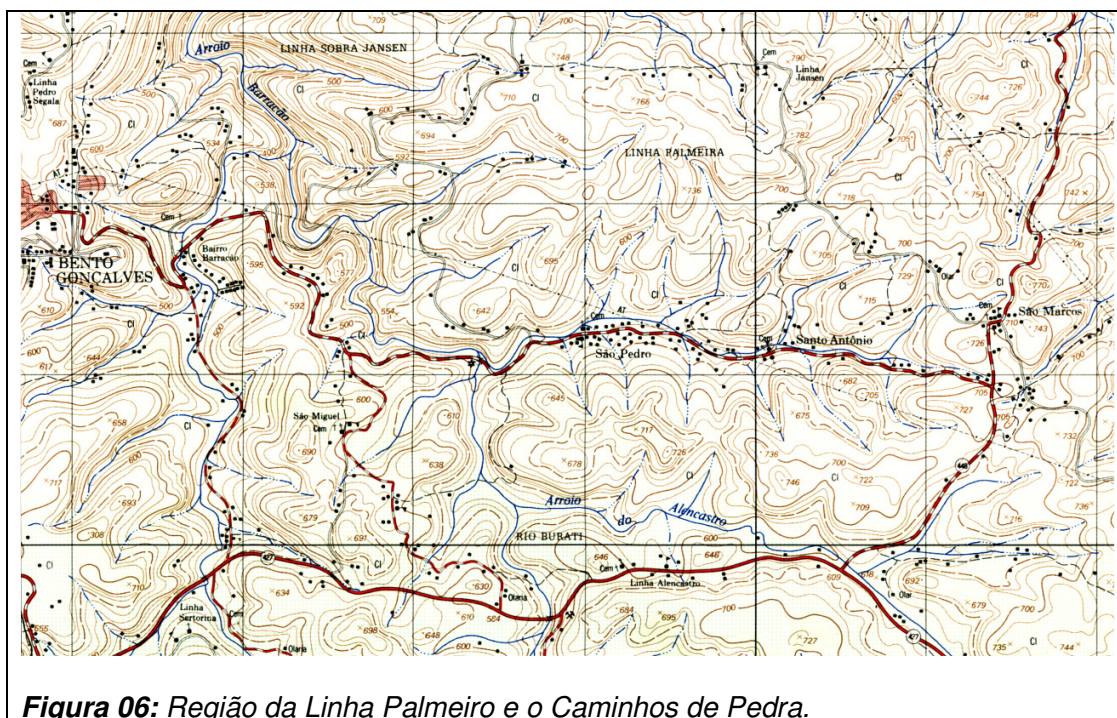
A Floresta Ombrófila Mista, acima dos 500 m de altitude, onde a araucária formava o estrato emergente tinha, principalmente, como estrato inferior o angico-vermelho (*Paraptadenia rígida*), e a grápia (*Apuleia leiocarpa*), mas também canelas (*Cryptocarya aschersoniana*, *Ocotea pulchella*, e *Ocotea puberula*), sapopemas (*Sloanea lasiocoma*), guabiroba (*Campomanesia rhombea*), açoita-cavalo (*Luehea divaricata*), pessegueiro bravo (*Prunus sellowii*), bracatinga (*Mimosa escabrella*), erva-mate (*Ilex paraguayensis*), aroeira (*Lithraea brasiliensis*), cambuí (*Myrciaria tenella*) e canjerana (*Cabralea canjerana*), entre outras.

A Floresta Estacional Decidual, onde a queda foliar faz parte do processo de dormência, tem poucas espécies exclusivas. Os estratos apresentam copagem bastante densa, os superiores formados por grápia (*Apuleia leiocarpa*), angicos-vermelhos (*Paraptadenia rígida*), cabriúvas (*Myrcarpus frondosus*), canafístulas (*Peltophorum dubium*), paus-marfim (*alfourodendron riedelianum*), canelas (*Cryptocarya aschersoniana*, *Ocotea pulchella*, e *Ocotea puberula*), entre outras, e nos inferiores, além dos indivíduos jovens dessas espécies, o cincho (*Sorocea bonplandii*), o catiguá (*Trichilia clauseni*) e as gramíneas. Além disto, nas diversas áreas de contato observa-se uma interpenetração das espécies entre as formações vegetais, como, por exemplo, a araucária.

### 6.3.3 CAMINHOS DE PEDRA: ASPECTOS HISTÓRICOS, DE USO DO SOLO E PAISAGEM

Os Caminhos de Pedra é um Projeto Cultural que envolve os moradores da Linha Palmeiro, no Distrito de São Pedro, mas que inclui também as comunidades de Barracão, São Miguel e São Marcos. Todas se localizam ao longo da antiga Estrada Silveira Martins, aberta em 1884 para ligar a então Colônia Dona Isabel com Caxias do Sul, passando por Caravaggio.

Na localidade de São Marcos, próxima à Igreja de São Marcos, esta estrada cruzava com a Estrada Julio de Castilhos, que ligava Nova Milano com Antônio Prado. Esta situação fazia com que a Linha Palmeiro tivesse uma posição destacada nas rotas de trocas dos produtos coloniais, o que explica a pujança que se expressa em uma arquitetura de singular qualidade e na grande concentração de prédios de alto valor cultural.



A estrada corre no sentido leste-oeste ao longo de um dos afluentes do Arroio Barracão, encaixada entre duas cristas de morros com altitudes variando entre 500 metros na localidade de Barracão até 770 metros perto de São Marcos. Os lotes coloniais, originalmente 200 em toda a Linha Palmeiro, são predominantemente dispostos no sentido norte – sul, com as casas residenciais e comerciais localizadas junto à estrada.

Por ser uma das principais estradas, a Linha Palmeiro tinha em seu percurso casas comerciais, moinhos coloniais, ferrarias, hotel e outros estabelecimentos. O comércio local, além de atender a população rural adjacente, beneficiava-se do intenso movimento da estrada, fornecendo peças de reposição de carroças, automóveis, ônibus e caminhões, além de fornecimento de refeições na “casa de pasto” e no Hotel Cavalet. Era difundida a fama da farinha marca “Campagnola”, do moinho Bartarello, e os artefatos da ferraria de Adolfo Ferri, todos movidos por grandes rodas d’água. Algumas serrarias também prosperaram e os

agricultores passaram a se dedicar de forma intensa ao cultivo de parreirais e à produção de vinhos caseiros.

Junto à Capela São Pedro, o Hotel Cavalet tornou-se ponto de parada para almoço e jantar dos passageiros dos ônibus interurbanos e interestaduais de longo percurso.

As primeiras casas eram feitas de madeira e pedra. A primeira Igreja São Pedro, também. Em 1900, a comunidade resolveu fazer uma nova e maior em alvenaria, sendo que a velha continuou a ser usada por uns 10 anos como escola.

Com a construção da rodovia RS 453, na década de 1970, ligando os municípios de Bento Gonçalves, Farroupilha e Caxias do Sul, o fluxo que antes passava pelas Estradas Silveira Martins e Julio de Castilhos foi desviado para a RS 453, pois esta é asfaltada, diferentemente daquela que é de chão batido. Para os moradores da Linha Palmeiro, a construção da RS 453 não foi bem vista, pois com o desvio do fluxo houve uma baixa na renda dos moradores, principalmente dos que trabalhavam para os viajantes em casas de pasto ou armazéns ao longo da estrada. Tal fato propiciou, entretanto, a conservação das casas antigas e certos costumes da vida na zona rural.

No final da década de 1980, deu-se início a um levantamento do acervo arquitetônico do interior do município de Bento Gonçalves. Através desse levantamento, realizado em 1987, constatou-se que o Distrito de São Pedro era o que possuía o maior número de casas antigas que ainda conservavam traços da cultura e da história dos imigrantes italianos, além de ser de fácil acesso. A partir desse levantamento, deu-se início a elaboração do Projeto Cultural Caminhos de Pedra, que teve por objetivo o resgate da herança cultural dos moradores da Linha Palmeiro, no Distrito de São Pedro. Esse projeto inicial foi desenvolvido pelo arquiteto Julio Posenato e recebeu financiamento da iniciativa privada, através do Sr. Tarcísio Michelin, para o desenvolvimento turístico do roteiro.

De acordo com a Associação dos Caminhos de Pedra, juntando esses fatores percebeu-se o potencial turístico da localidade e a necessidade de preservar tamanho acervo material para que não fosse abandonado ou destruído. Sendo assim, a partir do início da década de 1990, o projeto volta-se ao turismo como uma alternativa para manter o patrimônio cultural material e reconstruir a herança cultural dos moradores locais. Em 1992 é implantado o Projeto de Turismo Cultural Caminhos de Pedra da Linha Palmeiro.

Em 10 de Julho de 1997, com assessoria do Sebrae, fundou-se a Associação Caminhos de Pedra, visando auxiliar na reconstrução do patrimônio cultural da localidade tanto

no aspecto arquitetônico quanto das tradições e da língua (o dialeto *talian* ainda muito utilizado por parte dos moradores). O projeto buscava, portanto, valorizar a etnicidade da população local. No ano de 1998 o Projeto Cultural Caminhos de Pedra passou a contar com a Lei de Incentivo à Cultura do Estado do Rio Grande do Sul (Lei 10.846 de 19/08/1996), através de aprovação pelo Conselho Estadual de Cultura, passando a captar recursos de empresas locais.

Através do Projeto Cultural Caminhos de Pedra, os moradores do Distrito de São Pedro foram incentivados a reconstruir sua identidade, valorizando alguns traços de suas tradições que estavam se perdendo, com objetivo de compartilhá-los com os visitantes. As casas ainda mantêm algumas características, originais ou recuperadas, das construídas pelos imigrantes italianos. Na sua grande maioria, são casas de pedra ou então com o porão de pedra e o restante da casa em madeira, característica típica das construções dos imigrantes italianos no Rio Grande do Sul.

Antes da implementação do projeto, algumas casas estavam se degradando e ficando descaracterizadas. Algumas haviam sido rebocadas, pois ter uma casa de pedra era sinônimo de vergonha e de estar parado no tempo, segundo os moradores. Por meio de recursos recebidos pelo projeto, o reboco foi retirado e as casas restauradas, retomando assim as suas características básicas originais para serem abertas à visitação.

Esse projeto é considerado pioneiro no chamado segmento “turismo rural cultural”, pois

[...] despertou novas possibilidades de aproveitamento do patrimônio histórico – arquitetônico, valorizando a cultura regional expressa pela culinária, pelo linguajar (o dialeto vêneto, conhecido como *talian*), estilo de vida, pelos usos e costumes, típicos dessa região, formada principalmente por imigrantes italianos e seus descendentes (FÁVERO, 2006, p.75).

Esse roteiro recebe uma visitação média anual de 50.000 turistas. Atualmente o roteiro conta com 10 pontos de visitação e 52 pontos de observação externa. Os atuais estabelecimentos de visitação são:

\*Casa dos Doces Predebon;

\*Restaurante Nona Ludia – Casa Bertarello;

\*Il Cantuccio Del Pomodoro e Della Gasosa (Casa do Tomate);

\*Atelier Bez Batti – Casa Gilmar Cantelli;

- \*Casa da Ovelha / Hotel Cavalet;
- \*Casa do Artesanato;
- \*Casa Vanni - Restaurante e Tecelagem;
- \*Cantina e Casa Strapazzon;
- \*Cantina de Vinhos Finos Salvati & Sirena e
- \*Casa da Erva-Mate.

Além desses dez pontos de visitação, existe um ponto que recebia visitação no início do projeto voltado ao turismo, a Ferraria Ferri, e que, no entanto, não recebe mais por motivos particulares da família que preferiu deixar de fazer parte do roteiro. Outros dois pontos, a Casa do Leite e a Casa do Coelho, fazem parte do roteiro no planejamento, mas até o presente momento não iniciaram as atividades turísticas, não havendo previsão para o início das mesmas.

As casas do roteiro comercializam produtos elaborados no próprio estabelecimento, sendo alguns característicos de cada casa e também produtos de outros moradores da comunidade, mas que não estão ligados diretamente à atividade turística. Tornando-se uma comunidade etnoturística, ou seja, a união dos membros da comunidade turística (envolvidos diretamente com o turismo) e os membros da comunidade étnica (indiretamente ligados ao turismo).

O que é apresentado no Projeto Cultural Caminhos de Pedra é que busca, através do resgate da herança cultural, também a reconstrução daquela italianidade dos descendentes que estava se perdendo com o tempo, tendo o turismo como um meio para auxiliar nesse processo. Sendo assim, passa-se à análise do Projeto Caminhos de Pedra e de dois seminários de planejamento organizados pela Associação Caminhos de Pedra.

#### AS PAISAGENS AO LONGO DA ESTRADA VRS 855, ANTIGA ESTRADA SILVEIRA MARTINS

A análise da paisagem ao longo da estrada VRS 885, antiga Estrada Silveira Martins sugere a subdivisão em setores ou trechos homogêneos, como forma de diagnosticar e identificar os principais problemas e potencialidades do local com vistas ao estabelecimento de diretrizes de intervenção.

Preliminarmente, cabe destacar três feições morfológicas mais significativas na composição da paisagem cultural da Estrada Caminho de Pedras:

a) a presença constante e marcante da vegetação nativa em bosques localizados nos topos dos morros e em suas encostas, bem como ao longo de arroios;

b) as áreas de vinhedos, localizadas predominantemente nas encostas e nas porções menos declividade, às vezes aproximando-se da borda da rodovia;

c) os jardins que margeiam a estrada, fazendo a interface frontal entre as propriedades e a área de circulação pública.

Percorrendo a VRS 855 podemos identificar uma sequência de trechos com paisagens que apresentam feições homogêneas em termos morfológicos e funcionais. Tais trechos serão descritos e ilustrados a seguir.

***Trecho 01 – Do acesso no cruzamento das vias RST 444 e a Estrada Barracão até o restaurante Per Mangiare:*** trecho caracterizado pela intensa ocupação urbana de baixa qualidade estética e visual, denominado Barracão. Apresenta também diversidade de usos que vão desde indústrias até chácaras. Paisagem tipicamente urbana, com imagem heterogênea com ambiguidade visual, carece de tratamento dos passeios e da interface entre os lotes e a via. Exige tratamento da micro-escala. Considera-se fundamental a intervenção e qualificação deste trecho, pois é o início do roteiro partindo do perímetro urbano de Bento Gonçalves.

***Trecho 02 – Do restaurante Per Mangiare até a Estação 18 (Lev. Fotográfico):*** trecho caracterizado pelo equilíbrio entre paisagens urbanas e rurais, zona de transição entre o trecho mais urbanizado e o menos urbanizado do roteiro. Caracterizado por edificações esparsas, algumas históricas, sítios de recreio. Padrão tipológico predominante é o residencial. Na grande maioria os lotes apresentam ausência de tratamento frontal, mas em alguns casos conta com intervenções paisagísticas que qualificam os lugares próximos à edificação.

***Trecho 03 – Da Estação 18 (Lev. Fotográfico) até o Moinho Bertarello (estação 21b):*** trecho caracterizado pela paisagem rural e de vegetação nativa. Algumas edificações

esparsas locadas em sua maioria próximo à rodovia. Este trecho caracteriza-se como sendo o mais rural de todos, com paisagem nativa nos dois lados da rodovia em grande parte.

***Trecho 04 – Do Moinho Bertarello até o entroncamento com a Via Rst 448. Que leva até a Rst 448:*** trecho mais característico do Caminho de Pedras, fundamental para a caracterização do lugar, concentra a maior parte das edificações históricas e estabelecimentos integrantes do roteiro. Apresenta nos trechos com urbanização mais intensa edificações com bom recuo frontal, bem como intenção de tratamento da relação frontal do lote com a via em alguns casos. Novamente apresenta na grande parte de sua extensão a falta de tratamento claro entre o lote e a via – inexistente ou elaborado sem critério. Carece de uniformidade e padronização de passeios e muros e elementos construtivos e componentes do espaço urbano de forma a qualificar ainda mais a paisagem existente.

## **6.4 CONCLUSÕES PRELIMINARES**

Considerando o sítio analisado, pode-se concluir preliminarmente que de um modo geral as paisagens encontradas no roteiro Caminhos de Pedra caracterizam-se por ser um exemplo típico de “paisagem cultural”, pois mantém ainda preservados em sua maioria os seus atributos materiais quanto imateriais. Trata-se, antes de tudo, de preservar a forma de ocupação, culturas, hábitos e a paisagem física, pois todos estes elementos atuam em harmonia em um trecho relativamente pequeno do município de Bento Gonçalves caracterizando uma imagem pregnante que associamos diretamente ao nome “Caminhos de Pedra”. Todos os atributos mencionados acima, bem como as recomendações para intervenção em âmbito geral, encontram-se registradas no parecer técnico do Arq. Paisagista Carlos de Moura Delphin, franqueado a nós pela Prefeitura Municipal de Bento Gonçalves (anexado à este relatório). Ali, encontram-se de uma maneira abrangente diretrizes que visam preservar a paisagem cultural de Bento Gonçalves em especial do roteiro Caminhos de Pedra.

No que tange a intervenção proposta neste trabalho em desenvolvimento, cabe destacar, que esta fica no âmbito do tratamento das paisagens adjacentes às estradas turísticas, as quais também terão impacto sobre a imagem geral da região, principalmente com impacto direto nos visitantes (turistas), pois trata-se de requalificar uma paisagem existente em seus atributos de “micro escala”, ou seja, o tratamento do espaço público imediato ao percurso realizado. Desta forma este relatório objetivou caracterizar os trechos principais encontrados ao longo do percurso bem como identificar as principais potencialidades e deficiências no que tange à matéria analisada. No âmbito geral pudemos identificar problemas recorrentes em todos os trechos tais com os listados abaixo:

1. Sinalização visual orientativa: de um modo geral é péssima. Há poucas indicações que permitam ao visitante absorver o roteiro integralmente, estruturando-o mentalmente. A existente é ilegível, ficando o visitante dependente de material auxiliar impresso. Ademais a sinalização visual existente não agrega valor ao percurso tanto pelo seu desenho quanto pela sua localização.





**Figura 07:** Placa de sinalização/orientação geral do roteiro (Fonte: RSP)

2. Identidade visual dos trechos: de um modo geral não há padronização dos elementos construtivos do espaço urbano ao longo dos trechos que permitam formar uma identidade visual própria ou homogênea de todo o percurso. Também não há de espécimes vegetais recorrentes que contribuíssem para a construção da paisagem. Notoriamente verificou-se que há intenção por parte dos moradores de se fazer tratamento da relação frontal do lote, principalmente nos trechos com maior intensidade de ocupação, porém esta é feita individualmente, sem diretriz geral ou intenção de “continuidade” lote a lote.



**Figura 08:** Falta de continuidade paisagística entre a face frontal dos lotes. (Fonte: RSP)

3. Novamente neste roteiro notou-se a ausência de pontos de parada ao visitante (que ofereçam serviços de utilidade pública). Cabe aos estabelecimentos esta função que o faz através de recuos viários para estacionamento, o que resulta na maioria das vezes em indefinição entre os espaços do pedestre e do veículo, bem como a falta de tratamento de pavimentação adequado (quase sempre brita). Tal situação se torna mais grave pelo fato de na grande maioria do percurso a estrada não ter acostamento, ou este está em péssimas condições de conservação.



**Figura 09:** Recuos viários para desaceleração e estacionamentos (únicos pontos de parada no percurso) – todos vinculados aos estabelecimentos comerciais. (Fonte: RSP)

4. Mobiliário Urbano: de um modo geral não apresenta padronização, trata-se de um elemento importante da configuração imagética do lugar. Encontram-se na sua maioria em mau estado de conservação.

5. Rede pública de iluminação: novamente esta contribui negativamente à paisagem, tanto pela perturbação visual da fiação aérea quanto pelo desenho dos postes e elementos de suporte.

Portanto, da mesma forma que o identificado no roteiro Vale dos Vinhedos, este roteiro carece de intervenções que venham a qualificar a paisagem sem descaracterizá-la. Entende-se que isso será possível através da padronização dos elementos construtivos constituintes do espaço urbano através de modelos projetados para dar continuidade à paisagem adjacente à via, bem como a inserção de paradores públicos ao longo do percurso e a qualificação e padronização do mobiliário urbano ao longo de todo o trajeto. Estas ações deverão ser pensadas no sentido de constituírem-se primeiramente em diretrizes gerais (para o trecho como um todo) e diretrizes específicas para as zonas levantadas, as quais foram caracterizadas neste relatório.

---

Arq. MsC. Rafael Brener da Rosa  
Socio Diretor – RS Projetos Ltda  
Coordenador Técnico do Projeto

## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

FACALDE, Ivanira e MADELLI, Francisco (orgs). *Vale dos Vinhedos: caracterização geográfica da região*. Caxias do Sul: EDUCS, 1999.

KOHLSDORF, Maria Elaine. **Manual** do Inventário Nacional de Configuração do Espaço Urbano (**INCEU**). MINISTÉRIO DA CULTURA - IPHAN: 2001.<sup>1</sup> LYNCH, Kevin. **The image of the city**. Cambridge: The M.I.T. Press, 1960.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *A paisagem social como imaginário de sentido*. In: DIMAS, Antonio; LEENHARDT, Jacques; PESAVENTO, Sandra Jatahy (orgs). *Reinventar o Brasil – Gilberto Freyre entre história e ficção*. Porto Alegre: Editora da UFRGS/ Editora da USP, 2006.

TILLEY, Christopher. *A phenomenology of landscape: places, paths and monuments*. Oxford: Berg, 1994.

## **ANEXO 01 – PLANTAS E MATERIAL GRÁFICO**

## **ANEXO 02 – RELATÓRIO FOTOGRÁFICO**

**ANEXO 03 – RELATÓRIO TÉCNICO DE  
ANÁLISE DA PISAGEM CULTURAL DA REGIÃO  
DE BENTO GONÇALVES**